

O PODER DA INJUSTIÇA



(Do Centro Cultural Euclides da Cunha)
Membro da ABI

Em todos os tempos existiu e ainda existe um poder que escapa à sanção de qualquer autoridade, que angustia os bons, e atua todas as horas em qualquer parte da sociedade humana.

É sempre um problema empolgante para debate.

Mas, não se trata de debate. O que importa a este trabalho é iniciar um diálogo sobre a contingência e a consequência da injustiça como fatores de acontecimentos cujos efeitos ultrapassam, às vezes, o ambiente de uma comunidade para se estenderem até onde a civilização assenta sua base de justiça e de direito.

É fundamental para um país regido por uma constituição, ter sua autoridade compartilhada por três poderes, isto é, o executivo o legislativo e o judiciário, cabendo a este último a faculdade de julgar procedente ou improcedente qualquer pendência que envolva desde o cidadão mais simples até a autoridade mais graduada da esfera civil.

Na verdade, considerando o mérito, da segurança que repousa no triângulo que apóia a sociedade, a classe que dinamiza a prosperidade da família humana envia esforços inauditos para cercá-la de tudo quanto possa constituir sua felicidade.

O filósofo Aristóteles, na obra "Política", coloca a felicidade como a suprema aspiração do homem. Entretanto, o filósofo, na sua bondade, não se preocupou com o obstáculo, que às vezes é preciso vencer e se apresenta — a injustiça.

Numa análise da posição em que se coloca a injustiça a encontramos à margem de dois princípios do direito romano. Os dois princípios conceituam-se em "Falculta agendi" e "norma agendi". O primeiro reconhece no homem a faculdade de agir, dando de si quanto seja possível à sua capacidade realizadora, e o segundo estabelece que a norma de agir é a lei limitadora da atividade que excedeu sua faculdade e assim val prejudicar direito igual de outros.

A injustiça que pode ser processada é simples demanda. Não a figura marginal do direito e da justiça que age sempre fora dos preceitos legais. Está em toda parte. É um direito às avessas. É atuante pela mentira, falsidade, trapaça, politicagem, calúnia, traição, difamação, chantagem, venalidade, fingimento, vilania, hipocrisia, ódio, covardia, rapinagem, patifaria e, ainda todos os meios repulsivos que colimem seu poder negativo.

A bibliografia mundial registra nas suas obras a plêiade de renomados publicistas, de homens que concorreram com o seu valor intelectual para a cultura da civilização, entre eles Montei-ro Lobato, Nicolau Maquiavel e o gigante do púlpito Padre Vieira, especialmente este com os seus "Sermões", em cujas páginas lapidárias está impressa proporção considerável do mais veemente protesto.

Na história do Brasil, há vários acontecimentos que trazem o sabor do protesto pelos fatos que os originaram. Para ilustrar esta afirmativa, é oportuno relembra-rem alguns acontecimentos mais conhecidos.

No coração da pátria vive sem-

pre a memória de Benjamin Constant, o militar de fibra moral intransigente, de quem o Marechal Cândido Rondon disse — que "De Cientista e Filósofo avançado, se transformou em Estadista sem par na nacionalidade brasileira".

Conta Benjamin Constant Neto, na biografia que escreveu sobre o fundador da república, obra publicada pela Biblioteca Militar, as decepções sofridas pelo grande brasileiro em período bem antes do 15 de Novembro. Foi uma das suas decepções aquela de ser preterido na cátedra de matemática, mesmo classificado em primeiro lugar, fato que lhe teria provocado íntimo protesto e seria o veículo para fazê-lo abraçar e doutrinar o positivismo na Escola Militar e dali para o desfecho da história da proclamação de república. Sua sensibilidade e o seu ardor patriótico, o levariam a mais uma atitude de protesto, e, desta vez, também altamente honrosa, quando, declinou da promoção no posto de General, porque não ficaria satisfeito com o rumo tomado pela revolução que lhe enobrecera o ideal.

Preferiu ser apenas Benjamin Constant — uma equação positiva.

O protesto toma vários títulos como meio de manifestação contra o poder da injustiça. O modo de reagir tem revelado pessoas e acontecimentos. A vida de Castro Alves como poeta dos escravos constitui prova indiscutível. Mas, não se deve cometer a injustiça de restringir a poesia de Castro Alves à causa da abolição. Ele foi poeta que soube mostrar as belezas que enfeitam o mundo e, também, de fazer vibrar o patriotismo de todas as classes sociais, com denodo, porque ele sabia que na luta pela pátria "quem morre não tomba; cai nos braços da história". Em grande parte da poesia de Castro Alves predomina vigoroso protesto, contra o analfabetismo, a escravidão e o egoísmo dos poderosos. O poeta projetou-se no cenário intelectual com apenas 16 anos de idade. É justo que se relate que a sua primeira obra poética "O Século" pela coragem do adolescente e pelo fundo revolucionário de protesto, lhe valeu uma pena e uma vitória. A pena foi sua reprovação nos exames como consequência da sua poesia ter melindrado elementos da religião oficial. A vitória alcançada foi a de que ascendeu ao lado de Tobias Barreto à liderança da classe estudantil. O que causa admiração na poesia "O Século", início do voo do condoreiro, é o profundo conhecimento da agitação perigosa das massas, do abuso do poder na esfera política europeia com reflexo prejudicial aos outros povos e, ainda mais, o desafio do poeta e o seu destemor dos poderosos.

O fermento causado pelo impacto da injustiça depende da sensibilidade da parte atingida. Quando o dano é material, provoca revolta, mas, quando o dano é moral, o remédio é o protesto. Este é comum surgir no setor intelectual. Há muito tempo, o escritor Paulo Setubal, autor de vários romances históricos, publicou o romance "A Marquesa de Santos", obra de real sucesso e ainda muito apreciada na atualidade. O enredo se desenrola em

comemorativa, entre seus colegas da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, sobre a obra "Don Quixote de La Mancha", de Miguel Saavedra de Cervantes.

Afirmam os críticos que o livro retrata a humanidade na sequência de suas páginas. Por curioso que pareça, todas as figuras que movimentam a famosa sátira são encontradas, cotidianamente, no convívio social, e ninguém poderá negar a si mesmo que não haja alguma passagem quixotesca na jornada da vida.

Como Monteiro Lobato, que teve de escrever o livro para a infância "O Poço do Visconde", para recrear a criança ensinando geologia e, dessa maneira, convencer uma geração da existência do petróleo brasileiro, Cervantes lavrou um protesto na sua famosa obra contra a injustiça, não contra o ilícito que é matéria de Direito e por ele punido de con-tormidade com os preceitos legais, mas por aquele que lesa e dana suas vítimas, e que inspirou Humberto de Campos, angustiado pelo injusto, a escrever estes versos: "na escuridão da noite até a tua sombra te abandono". (Obra "O Concelito e a Imagem na Poesia Brasileira").

A crítica afirma que Cervantes escreveu sua obra imortal "através duma vida inquieta e dias atribulados". Esta, uma situação que pode ser interpretada como inspiradora do símbolo para a sua cruzada de desfazer agravos — a formosa Dulcinea del Toboso.

A história é testemunha de que todas as pugnas ideais são travadas sob a égide de símbolos e deuses. Os filósofos gregos nos leram a Têmis — Deusa da Justiça, figura honorável, com os olhos

vendados para fazer imperar o direito.

Ainda é Cervantes que demonstra que fazer justiça é fácil quando se tem a serenidade do analfabeto Sancho Pança, governador da Ilha da Barataria, e, que a virtude do equitativo não é privilégio exclusivo dos doutos.

Dentro desse ângulo, fazer justiça é fácil, mas desfazer injustiça é um sonho.

A obra de Cervantes esta aí para prová-lo e a opinião dos que viveram algum episódio de injustiça, para apoiá-lo. Humanista genial, o autor da obra mais completa em psicologia social, só ele, naquele monumento literário, para fazer rir e chorar, conseguiu demonstrar que o poder da injustiça é tão grande que só um cérebro desequilibrado, um Don Quixote de La Mancha, armando-se Cavaleiro Andante, servindo-se do argumento imaginário, da paixão por Dulcinea del Toboso, heroína responsável pela sua resolução e bravura, seria capaz de sair em busca de lutas para desfazer os agravos que oprimem os homens em qualquer parte da terra, e que existem, porém bem escudados, que tornam inoperante o exercício do Direito e da Justiça.

Em resumo, o artigo foi iniciado com a opinião de que existe o poder da injustiça e enumerados trabalhos de vários autores cujas obras trazem o cunho do protesto e especialmente a do magnífico Miguel Saavedra de Cervantes com a sua "sem igual Dulcinea del Toboso" — símbolo ideal dos desagravos da espécie humana.

Para ponto final, este trabalho é um diálogo e não um debate, tanto que, confessamos, sintonizamos com a opinião de C. Flammarion, de que "Deus não criou nada inútil no mundo".

torno da vida de D. Pedro I e conta as peripécias das fantasias galantes do imperador. Também, entre os fatos relatados, estão os sérios problemas para a época, que foi a viuvez de D. Pedro. O imperador devia casar. Era um problema de diplomacia e para a missão de tamanha importância foi designado o Marquês de Barbacena. E Paulo Setubal faz sátira dizendo que o diplomata saiu como calceiro viajante a bater às portas da Europa para conseguir o enlace imperial. Tempos depois veio à luz a obra histórica "O Marquês de Barbacena", autoria de Pandiá Calógeras, vulto notável nas letras nacionais.

Neste trabalho o autor pôde mostrar o alto gabarito do Marquês de Barbacena e deu oportunidade para tornar conhecido o sacrifício feito, para o reconhecimento da independência do Brasil. De fato, o trabalho da diplomacia brasileira durou cinco anos de val e vem singrando os mares da Europa sem conseguir o beneplácito político, porque o governo português não queria o reconhecimento e, para isso, contava com o apoio de Maternich e de Talleyrand no Congresso de Viena. Foi preciso a intervenção e o prestígio do Marquês de Barbacena junto à diplomacia inglesa para que fosse reconhecida a independência do Brasil. Pandiá Calógeras entendeu que a estatura do Marquês devia ser medida por este mérito e não pela batalha da República Cisplatina.

A citação destes trabalhos de protesto é feita como argumento substancial da firmeza da proposição. Os protestos contra o poder da injustiça são inumeráveis. Contra a justiça não pode haver protesto porque ela decide a pendência depois do competente processo. Agora, a injustiça é invisível e só a caracteriza o efeito lesivo que produz. Atua distante das instâncias pretorianas.

No imenso campo de batalha, cuja luta se fere dentro e fora de cada núcleo social humano e no qual é palco dos dramas mais complicados, tem esse quadro da vida o homem para movimentá-lo.

O homem, pois, é batalha e artista. É o arquiteto que construiu todos os esplendores que orgulha a civilização. Este é o primo pelo qual o homem deve ser divinizado.

No entanto, dentro da própria batalha do homem surgem problemas que dão aspecto diferente no resultado da luta, imprevistos apenas, num julgamento indifferente.

Este aspecto, que às vezes choca e angustia, foi que levou o autor destas linhas a fazer uma ligeira digressão em discurso proferido por ocasião de solenidade